

FORMAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA: UM ESTUDO COM DISCENTES E PEDAGOGOS EGRESSOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI

Maria dos Remédios Mendes Chaves Barreto ¹

RESUMO

O curso de Pedagogia é, sem dúvida, um curso no qual se reflete sobre vários temas dentro desse âmbito educacional. Considerando a importância dos processos que envolvem a educação, torna-se necessário o entendimento de algumas dimensões específicas, sobretudo quando nos remetemos a formação no ensino superior. Partindo dessa premissa, a psicopedagogia é um dos componentes fundamentais para a capacitação dos futuros pedagogos, visto que a partir de disciplinas e estágios é que os alunos serão estimulados a analisar, refletir e intervir na realidade dos educandos. Assim, o presente artigo visa refletir sobre algumas questões que envolvem a formação no ensino superior, a área de Psicopedagogia e a prática docente, a saber: Quem é esse profissional psicopedagogo (a)? Qual o seu campo de atuação? Qual deve ser a sua formação? Se o seu papel assume uma grande importância no contexto escolar, porque sua formação ainda é precária, sobretudo, nos cursos de Pedagogia? Essas questões norteadoras servirão de dispositivo para mobilização de uma discussão com vistas a responder nossos objetivos: Analisar as representações sociais de egressos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sobre a formação docente na área da Psicopedagogia do referido curso; Descrever como os docentes do curso pesquisado vivenciam a formação em questão, através de suas práticas educativas; Avaliar a contribuição do curso de Pedagogia da UESPI para a constituição profissional do futuro psicopedagogo, na representação dos alunos egressos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, elaborada através de pesquisa bibliográfica, descritiva e explicativa, utilizando a teoria das representações sociais em que as análises e os resultados foram apresentados por meio de reflexões dos discursos dos 9 entrevistados, através de entrevista semi-estruturada, através da análise de conteúdo e subsidiados pela leitura de obras de autores que têm se dedicado a uma análise profunda dessa temática. Os resultados apontam que a maioria os sujeitos avaliam negativamente a formação acadêmica, pontuando que deveriam ter melhorias na ênfase da Psicopedagogia muito embora reconheçam o esforço docente na em promover um ensino mais inclusivo e significativo. No que se refere a avaliação da contribuição do curso de Pedagogia da UESPI para a constituição profissional do futuro psicopedagogo, na representação dos alunos egressos deixam a desejar quando não procuram investimentos, formação adequada e quando não propiciam uma mudança no sentido do curso ser mais completo em áreas específicas, como a Psicopedagogia.

Palavras-Chave: Psicopedagogia, formação, ensino superior

¹ Pedagoga pela Universidade Estadual do Piauí. Mestre em Educação pela Universidade Nacional de Rosário - UNR – Argentina. Terapeuta do Centro de Reabilitação e Habilitação - CEIR Email: psic.remediosbarreto@hotmail.com;

INTRODUÇÃO

O curso de Pedagogia é, sem dúvida, um curso no qual se reflete sobre vários temas dentro desse âmbito educacional, dentre eles: problemas de aprendizagem dos discentes, autismo e inclusão, educação especial, direito à inclusão e a diversidade, supervisão educacional, neuropsicopedagogia, dentre outros. Em contrapartida, no que se refere a área da Psicopedagogia, verifiquei a necessidade de investigar essa temática muito importante, entendida em suas várias dimensões. A primeira questão gira em torno da permanente necessidade de refletir criticamente sobre a nossa formação inicial e atuação profissional.

Neste percurso, os estudos de Perrenoud (2009), Pimenta (2012), Mizukami (2008) destacam que toda e qualquer formação inicial merece ser repensada em função da evolução das condições do trabalho, das exigências do mercado profissional e do avanço tecnológico. Estes autores vêm debatendo que a renovação da formação inicial é parte integrante de uma transformação mais fundamental da profissão. Esse aspecto consolida a importância de se ampliar a formação inicial enfatizando que, em um futuro próximo, nos depararemos com os domínios exigidos a um profissional consciente, atualizado e comprometido com o processo educacional, sobretudo, as áreas específicas da educação (Libras e Ensino Inclusivo, Psicopedagogia, Pedagogia Hospitalar, entre outras) o que se constitui em um fator limitante ao exercício profissional, caso não haja uma formação em conformidade ao que é exigido na atualidade.

Torna-se necessário o entendimento das dimensões que envolvem o processo educacional, sobretudo quando nos remetemos a prática docente. A partir dessa premissa, percebemos que é competência do educador compreender de maneira multifacetada os fatores que influenciam no processo de aprendizagem sejam escolares ou não.

Deste modo, o presente artigo, que faz parte de um trabalho desenvolvido em nível de mestrado, visa refletir sobre algumas questões que envolvem a formação dos pedagogos a partir da ênfase na psicopedagogia pois diante de vasta pesquisa realizada sobre a existência de trabalhos científicos nessa perspectiva, percebemos que o enfoque na formação do Pedagogo com ênfase na área de Psicopedagogia é pouco explorada. A psicopedagogia é a área de conhecimento, atuação e pesquisa que lida com o processo de aprendizagem humana, visando o apoio aos indivíduos e aos grupos envolvidos neste

processo, na perspectiva da diversidade e da inclusão (ABPP, 2014). Dessa forma, questiona-se: Quem é esse profissional psicopedagogo (a)? Qual o seu campo de atuação? Qual deve ser a sua formação? Se o seu papel assume uma grande importância no contexto escolar, porque sua formação ainda é precária, sobretudo, nos cursos de Pedagogia?

Essas questões norteadoras servirão de dispositivo para mobilização de uma discussão com vistas a responder nossos objetivos: Analisar as representações sociais de egressos do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sobre a formação docente na área da Psicopedagogia do referido curso; Descrever como os docentes do curso pesquisado vivenciam a formação em questão, através de suas práticas educativas; Avaliar a contribuição do curso de Pedagogia da UESPI para a constituição profissional do futuro psicopedagogo, na representação dos alunos egressos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, elaborada através de pesquisa bibliográfica, descritiva e explicativa, em que as análises e os resultados foram apresentados por meio de reflexões e subsidiados pela leitura de obras de autores que têm se dedicado a uma análise profunda dessa temática. Esse artigo está estruturado em 4 tópicos: Introdução, um tópico de referencial teórico intitulado: construtos teóricos sobre formação do pedagogo e a abordagem psicopedagógica, posteriormente a abordagem metodológica, a análise dos dados e por fim, as considerações finais

1. CONSTRUTOS TEÓRICOS SOBRE FORMAÇÃO DO PEDAGOGO E A ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA

A formação acadêmica, deve ser pautada na concepção de formar cidadãos ativos, reflexivos, críticos e participativos na sociedade em que vivem. O docente tem grande relevância no processo educativo de ensino e aprendizagem, pois ele deve promover o desenvolvimento de habilidades para tornar mais fácil o processo de aprendizagem dos indivíduos. Dito isto, o cenário da formação de professores é composto tanto pelo desafio de teorização de práticas quanto de construção de novas formas de ensinar, incluindo o uso das tecnologias de informação e comunicação, tornando-se assim, uma tarefa complexa, visto que exige conhecimentos teóricos e práticos sempre em busca de articulação de conceitos e ideias que dialogam entre si, de forma interdisciplinar. Assim, para desvelar as necessidades na formação de professores, torna-se necessário, constituir-se o cotidiano da prática docente, em que a temporalidade do saber dos professores e os dilemas do “ser e tornar-se” professor é considerada também campo de análise desse trabalho.

Com Tardif (2002) nas discussões que remetem aos saberes docentes, entendemos que esse saber é compreendido como um conjunto de saberes que se fundam no ato de ensinar, incluindo também os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes dos docentes, o que torna um saber plural, heterogêneo, e proveniente de fontes variadas, ou seja, afirmar que os saberes relacionados ao trabalho demandam um período, um tempo variável para que sejam construídos gradativamente. Logo, entendemos que a formação dos discentes do curso de Pedagogia deve ser construída com base na articulação com a realidade de sua profissão, colaborando para o fortalecimento da responsabilidade social que deve se articular ao fazer do pedagogo. Essa formação é entendida, portanto, em sua dimensão interinstitucional, por meio do diálogo entre universidade e escola pública, a fim de ampliar a dimensão formativa através de experiências práticas voltadas à docência e, nesse diálogo também colaborar na formação continuada dos professores da educação básica e na qualidade do ensino público.

O campo de conhecimento a qual se insere a Psicopedagogia aborda a gênese e as características desse campo de conhecimento, uma vez que de acordo com BOSSA (2007), a psicopedagogia nasce da necessidade de uma melhor compreensão dos processos de aprendizagem e se torna uma área de estudo específica que busca

conhecimento em outros campos e cria seu próprio objeto de estudo. Portanto, o profissional que busca entender os processos de aprendizagem humana: seus padrões de desenvolvimento e a influência do meio nesse processo, precisa fazer uma pós-graduação na área pelo fato de somente o curso de Pedagogia não dar conta de formar esse profissional em toda sua totalidade. Portanto, se faz necessário abordar a temática da formação de psicopedagogos e sua identidade nos processos de formação e na atuação desse profissional.

O curso de Pedagogia no Brasil é um dos mais procurados e o que proporciona um leque extenso de oportunidades de atuação, o pedagogo formado poderá atuar em instituições de ensino públicas e privadas, como professor ou no planejamento, coordenação e gestão pedagógica. O profissional é apto para trabalhar em escolas de idiomas, órgãos públicos ligados à educação, hospitais, bibliotecas, museus, brinquedotecas, editorias de livros didáticos, entre outros setores.

Apesar dessa grande variedade de atuação, o universo do curso de Pedagogia, sempre foi permeado por desafios no que se refere à formação do pedagogo, assim, o curso de Pedagogia vem sofrendo alterações em sua grade curricular, a partir das necessidades do mercado de trabalho, das políticas internas e externas do país, das proposições da própria área de conhecimento. Atualmente o trabalho dos pedagogos nas escolas se explicita em duas vertentes: trabalho docente e trabalho não docente, que são, respectivamente, trabalham em sala de aula e fora da sala de aula. Tal explicitação não altera substantivamente o trabalho realizado há muito tempo, representa um avanço no sentido da sua normatização.

De forma a relatar a construção da Psicopedagogia enquanto área de formação no curso de Pedagogia, é preciso entender o processo de constituição da identidade dessa área, mesmo porque ela nasceu da necessidade dos profissionais que buscavam subsídios teóricos para o estudo e a intervenção junto a indivíduos que apresentavam dificuldades em seus processos de aprendizagem. Neste caminhar, convém ressaltar também que o psicopedagogo é aquele profissional que surge não somente da Pedagogia, mas de outras diferentes graduações: Psicologia, Fonoaudiologia, Letras, etc.,

É preciso, portanto, que avaliarmos a atuação desse Psicopedagogo e os cursos de formação que tem a função de formar um profissional que é tão importante na esfera educacional.

Segundo Beauclair (2006) a formação em psicopedagogia é um dos desafios a serem enfrentados até chegarmos à regulamentação do fazer do psicopedagogo. Segundo o autor:

“a expansão desenfreada de cursos de pós-graduação lato sensu pelo país, preocupa-me, porque sem uma organização e estruturação curricular a partir de vivências significativas do campo de atuação profissional. Por isso, a formação de psicopedagogos é uma questão a ser debatida. A Psicopedagogia deve ser vista, cada vez mais, como uma nova profissão, que exige formação adequada para o tempo presente e o enfrentamento das múltiplas tarefas que surgem no campo do ensinar e do aprender no século XXI”. (p.65).

-

No que se refere especificamente ao curso de Pedagogia, de acordo com Pimenta (2002), as áreas de atuação dos pedagogos são amplas em nossa sociedade e que isso deve ser considerado na formação deste profissional. Em contrapartida, a maioria dos cursos de Graduação em Pedagogia no Brasil contempla a área da psicopedagogia apenas em disciplinas optativas, conseqüentemente os números de trabalhos de conclusão de curso são mínimos, bem como as pesquisas e as publicações nessa área.

Apesar de concordarmos com Mota, quando refere que no Brasil, cada vez mais se percebe a valorização do profissional em Psicopedagogia nas Instituições de Ensino e o seu espaço vem sendo conquistado e reconhecido, ressaltamos que é interessante o trabalho coletivo dentro da escola, é função e papel da escola ter o legado de propor ao aluno um desenvolvimento intelectual progressivo e de qualidade e dar subsídios necessários para que ele tenha menos chances de fracassar.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Portanto, tendo em vista o objeto de estudo, as interligações interdisciplinares e os nossos objetivos de trabalho, que abordaremos a teoria da representação social. Dessa forma, entende-se, a representação social como uma teoria ou ciência coletiva destinada à interpretação no real, indo além do que é imediatamente dado na ciência ou na psicologia, da classificação de fatos, eventos. Assim, a Teoria das representações sociais, nossa escolha como base teórico metodológica é também uma forma sociológica da psicologia social e tem seus estudos iniciais com Serge Moscovici, em 1961, em sua tese de doutorado: “La Psychanalyse, son image et son public”.

Para Moscovici (2004, p. 34), as representações apresentam duas funções:

- a) Elas ‘convencionalizam’ os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as põem como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. Nós pensamos através de uma linguagem; nós organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura;
- b) Representações são ‘prescritivas’, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado.

Assim, a teoria das representações sociais trata da produção dos saberes sociais e no nosso caso específico, nos ajudará a analisar as implicações das práticas didático-pedagógica na área da psicopedagogia. Desta forma, pergunta-se: quais são as representações sociais dos pedagogos egressos da UESPI, sobre sua formação acadêmica na área da Psicopedagogia? Entende-se, de início que “toda intervenção centrada na

mudança da realidade social implica uma valorização dos saberes populares” (JODELET, 2007, p. 53). De igual modo, Minayo afirma:

[...] podemos dizer que as representações sociais enquanto senso comum, ideias, imagens, concepções e visões de mundo que os atores sociais possuem sobre a realidade social, são um material importante para a pesquisa no interior das Ciências Sociais. As representações sociais se manifestam em condutas e chegam a ser institucionalizadas, portanto, devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. (Minayo, 2004, p.173).

Considerando a possibilidade de mudança na formação/cultura/currículo acadêmico, e para alcançar os achados da nossa pesquisa, pontua-se a necessidade inicial de captar a visão de mundo e as representações sociais de seus atores, neste caso, nossos sujeitos investigados. Nesse sentido, do ponto de vista metodológico, escolhemos, justificado, sobretudo, pela especificidade do objeto de estudo a ser trabalhado, utilizar, como suporte metodológico, a investigação de natureza qualitativa corroborando o que Bogdan e Biklen (1994, p. 67-68) referem: “os investigadores neste tipo de investigação se interessam pelo modo como as pessoas pensam sobre as suas vidas, experiências e situações particulares”

Quanto a epistemologia, nossa pesquisa é interpretativista, que, segundo Morgan (2007, pg. 15) compreende uma visão do mundo social como possuidor de “uma situação ontológica duvidosa e que o que se passa como realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é um produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos”

No que se refere ao método, nossa pesquisa é uma pesquisa-ação. Segundo Thiollent (2002, p. 75 apud VAZQUEZ e TONUZ, 2006, p. 2), “com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola. A forma inicial de pesquisa-ação é caracterizada pela colaboração e negociação entre especialistas e práticos, integrantes da pesquisa.

No que se refere ao instrumento de coleta de dados, nossa escolha foi pela entrevista semi-estruturada. Na concepção de Triviños (1987, p.146), a entrevista semiestruturada é:

“ [...] aquela que parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar do conteúdo de pesquisa”.

Dessa maneira, as entrevistas semi-estruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o interlocutor (sujeito da pesquisa) tem a possibilidade de discorrer livremente sobre o tema proposto. A entrevista visou apreender as opiniões e percepções dos entrevistados e, dessa forma, termos uma maior riqueza de detalhes

Com efeito, o *locus* de investigação escolhido foi a Universidade Estadual do Piauí, Curso de Pedagogia - Campus Torquato Neto. A escolha também se revela pelo fato de termos vivenciado a formação nessa instituição e pelo interesse pessoal de investigar a formação no âmbito das universidades estaduais.

Delimitamos a nossa amostra que se constituiu por um conjunto de egressos do Curso de Pedagogia e docentes do respectivo curso. Foram escolhidos 9 pedagogos que se formaram no referida curso/instituição. Ainda assim, foram contemplados sujeitos com relação à sua atuação profissional (deverão estar atuando no ramo da Psicopedagogia); com relação ao sexo (contemplar profissionais do sexo masculino e feminino), em relação a períodos (anos) diferentes de formação/frequência no curso de Pedagogia da UESPI (por exemplo: a diversidade no ano de formação, 1 entrevistado que tenha se formado no ano de 2011, outro no ano de 2015, etc.) respeitando o recorte temporal de 10 anos (2011-2021)

3 O QUE NOSSOS SUJEITOS DE PESQUISA TEM A DIZER?

Este tópico propõe-se a analisar os dados coletados através dos discursos dos discentes, egressos e docentes do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Piauí-UESPI. Nesse sentido, debruçamo-nos sobre as múltiplas questões que emergiram de suas falas, articulando com teorias e estudos que consideramos pertinentes no sentido de produzir uma dimensão teórica- reflexiva coerente e pertinente face ao objeto de estudo do presente trabalho.

Começamos por analisar as entrevistas extraídas dos egressos do curso de Pedagogia. A priori, perguntamos: Durante a sua formação, você teve disciplinas que abordaram a discussão sobre a atuação do psicopedagogo em espaços escolares e não-escolares? Dos 9 entrevistados, todos responderam que sim, que tiveram uma única disciplina na graduação, a exemplo do discurso de Paula “ Sim. Tivemos o privilégio de contar com a disciplina de Psicopedagogia na graduação onde iniciamos os estudos introdutórios acerca da importância dos saberes psicopedagógicos no processo de ensino e aprendizagem”.

Dito isto, ainda com o intuito de captar a presença da Psicopedagogia no curso de Pedagogia, questionamos a seguir: O curso de Pedagogia da UESPI possibilita/ou alguma atividade acadêmica, exceto as disciplinas (caso tenha citado na questão anterior), que aborda a temática da PSICOPEDAGOGIA? Se sim, quais? No que se refere as respostas, dos 9 entrevistados, 5 responderam que não há outra atividade acadêmica e 4 responderam que há, dando os seguintes exemplos:

“Durante os estágios curriculares , são promovidas discussões a respeito do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, são discussões promovidas ainda por um tímido grupo de profissionais. A psicopedagogia ainda é pouco abordada durante a graduação.”
(Entrevistado Zeus)

“As disciplinas de ensino da Língua Portuguesa, da matemática, de ciências, artes, bem como os estágios supervisionados provocaram a reflexão sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos.”
(Entrevistada Hera”)

“Sim. A psicomotricidade, inclusão de crianças especiais nos espaços escolares e em outros espaços, o desenvolvimento humano em seus

diferentes aspectos, o papel social do psicopedagogo no desenvolvimento de projetos sociais, etc” (Entrevistada Atena”)

A análise desses trechos nos leva a compreender a importância das vivências na Universidade, no caso da interdisciplinariedade, do cotidiano acadêmico no dizer de Produção de conhecimento. Aqui quando nos referimos ao cotidiano, compreendemos um cotidiano que possibilita aos sujeitos fazer análise, refletir sobre sua formação construir referências metodológicas para sua prática, saberes, lugar de negociação, de partilhas de conhecimentos.

Cabe nesse momento sublinhar que é imprescindível avaliar o nível de satisfação dos entrevistados acerca do ensino ofertado no âmbito do curso de Pedagogia da UESPI, especificamente no que concerne a abordagem da Psicopedagogia. Para responder tal intento, questionamos: Como você avalia o seu curso no que se refere à formação e currículo para a área de Psicopedagogia? Obtivemos diferentes discursos, mas a maioria avalia de ruim para regular.

No entendimento de Carla “O curso de Pedagogia da Uespi trouxe um conhecimento superficial sobre a área da Psicopedagogia”, Para Artemis “*Acredito que necessitamos sim de uma formação continuada nas áreas do currículo do curso de Pedagogia, das quais o profissional pedagogo deseja seguir*”. Por isso, nas palavras da entrevistada “*para ser um profissional psicopedagogo necessita de uma formação específica além do curso de Pedagogia, pois no curso tivemos apenas uma base.*”. Para Zeus foi “*Insuficiente. Precisa aprofundar mais essa área de formação. Aumentando carga horária da disciplina, acrescentando estágio supervisionado e atividades complementares na área*”.

É importante destacar que algumas pesquisas sugerem que alguns cursos de licenciatura carecem de disciplinas que abordem a perspectiva inclusiva e que poderiam melhorar a formação em direção a temáticas específicas que ficam relegadas a segunda plano, muitas delas apenas de caráter optativo. No que se refere a área de Psicopedagogia, ficou evidente no discurso dos entrevistados que o currículo do curso de Pedagogia poderia ser trabalhado de outra forma, a título de exemplo :

“Na minha opinião, o currículo de Pedagogia poderia e tem muito o que explorar em relação a Psicopedagogia. Trata-se de contextos indissociáveis” (Entrevistado Zeus)

“Em relação ao currículo, deixa sim a desejar, visto que, para exercer a psicopedagogia, vamos ter que ter um curso específico na área. (Entrevistada Afrodite)

“Avalio como regular, uma vez que necessita de uma reformulação e ampliação da matriz curricular para que o discente tenha uma melhor formação.” (Entrevistada Artemis)

“Deficiente. (Entrevistada Hera)

A legislação brasileira prevê um sistema educacional inclusivo em todos os níveis. No ensino superior, o grande impasse é a reformulação do currículo de forma a potencializar uma educação mais inclusiva, emancipatória e democrática. Os cursos de licenciatura, de forma geral, assumem a tarefa de promover uma “educação intercultural”, um ensino que prepare o professor para as diversas situações que ele pode encontrar em sala de aula. Em contrapartida, não se vê efetivamente esse discurso sendo colocado em prática, pois como denunciam as falas, a exemplo dos nossos sujeitos, foram unânimes em relatar que o ensino é deficiente, que precisa de reformulação da matriz curricular, para que o aluno em formação tenha mais subsídios para ter o poder de intervenção nas situações do fazer pedagógico.

Atualmente, milhares de alunos com algum tipo de transtorno ou deficiência chegam a escola, mas muitos não conseguem nem mesmo se manter por falta de intervenções psicopedagógicas apropriadas. Nesse sentido, questiona-se: Como esperar um trabalho pedagógico se não há formação adequada? Se as disciplinas (por exemplo que trabalham as questões psicopedagógicas são relegadas a uma formação complementar não obrigatória?

A contradição ainda é mais evidente quando os marcos legais, como por exemplo a Lei 9.394/96 apontam, nos artigos 58 e 59, a relevância do atendimento educacional a pessoas com necessidades especiais, preferencialmente em escolas regulares. Estabelece, também, a criação de "serviços de apoio especializado e [...] currículos, métodos e técnicas, recursos educativos e organizações específicas para atender às peculiaridades dos alunos". Destaca, ainda, que os docentes sejam capacitados para trabalhar com as dificuldades de aprendizagem.

O documento Diretrizes Nacionais para a Educação Básica define quem tem necessidades educacionais especiais para dar amparo às diversas dificuldades atendidas pelos psicopedagogos e que, muitas vezes, as escolas julgam não necessitar de atenção diferenciada. Essas situações estão divididas em três grupos:

- "Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultam o acompanhamento das atividades curriculares relacionadas a uma causa orgânica específica e aquelas vinculadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências";
- Dificuldades de comunicação;
- Altas habilidades.

Dito isto e sabendo que os nossos sujeitos avaliam negativamente a formação do curso em questão, no que se refere a área de Psicopedagogia, tentamos extrair então sugestões para uma possível mudança, alterações e ações que possam mudar essa realidade, ao perguntarmos: Que sugestão você daria para o currículo da licenciatura em Pedagogia para que os futuros professores fossem contemplados na sua formação para compreenderem as bases da Psicopedagogia?

Dentre as diversas respostas destacamos que a maioria afirma que a transformação se dará na manutenção das disciplinas de psicopedagogia em caráter obrigatório bem como um aumento das disciplinas que abordassem a temática e de maior carga horária e estágios, a saber:

“Permanência da disciplina de Psicopedagogia na matriz curricular do curso. Promoção de seminários, palestras com a participação de profissionais da área, cursos e oficinas sobre dificuldades, distúrbios, transtornos de aprendizagem e a influência do Profissional da Psicopedagogia no desenvolvimento de crianças com este transtorno”.
(Entrevistada Afrodite)

“Aumento da carga horária. Oferta de uma disciplina de estágio supervisionado em espaços escolares e não escolares bem como promoção de atividades complementares”. (Entrevistado Zeus)

“Mais disciplinas que fossem voltadas para o conhecimento do trabalho do Psicopedagogo, levando em consideração as diversas frentes de atuação (clínica e institucional).” (Entrevistada Atena)

Que tivessem disciplinas com bases na psicopedagogia clínica, visto já ter disciplinas com foco na aprendizagem, psicologia e filosofia. (Entrevistada Ares)

Como egressa da Uespi, meu currículo era o antigo na época, tive como uma das disciplinas a psicopedagogia e foi fundamental para a compreensão dos fatores que pudessem dificultar a aprendizagem do aluno. No entanto, como relatei na questão anterior, o profissional que queira seguir o ramo da psicopedagogia deve buscar a formação continuada. Pois o curso de Pedagogia é amplo e vejo que não dá tempo para focar o curso especificamente em um dos ramos. (Entrevistada Artemis)

Deveria haver maior aprofundamento do currículo na área da Psicopedagogia pois, na verdade, temos uma introdução, disciplina citada não nos trás um conhecimento suficiente para atuarmos na área. (Entrevistado apolo)

“Revisão do currículo no qual contemple maior carga horária, estágio e atividades complementares na área citada” (Entrevistada Hera)

Todos os discursos relacionados acima, apontam, de forma mais ampla, para uma necessidade de revisão do currículo. Sabemos que o currículo do curso de Pedagogia ainda não superou a dicotomia teoria e prática. Com efeito, a conquista de um currículo de pedagogia interdisciplinar requer repensá-lo, segundo Pereira (2009, p.45) a partir de:

“Uma concepção histórico antropológico e sociofilosofica da educação, da sociedade e da economia capaz de levar os alunos a uma visão crítica a ponto de refletir isso nas muitas disciplinas posteriores ao eixo de fundamentação teórica e, em particular, na pesquisa da prática pedagógica, desembocando no trabalho de conclusão de curso e estágio; b) Uma teoria pedagógica coerente com a teoria psicológica de aprendizagem que perpassasse todo o curso de maneira que se faça presente desde a disciplina de psicologia da aprendizagem até as metodologias específicas finalizando no estágio; c) uma teoria pedagógica coerente com a teoria psicológica de aprendizagem que permita os alunos construir uma prática educativa fundamentada no estágio e depois na sua vida profissional”

Assim, o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, poderia, segundo a ótica de uma das nossas entrevistadas “fazer uma abordagem mais inclusiva, intercultural, percebendo o papel social do profissional, que pudessem ter uma visão ampliada do fazer pedagógico, bem como da importância de se fazer um trabalho social também alinhado as famílias e sociedade”. (Entrevistada Atena)

Portanto, pensar em Prática Educativa inclusiva e multicultural no ensino superior que inclua a psicopedagogia, é pensar na superação de inúmeros desafios e complexidades que esse tipo de educação supõe. Pensar na estruturação do curso, no acréscimo de mais disciplinas que ofereçam esse capital teórico e o estágio supervisionado com a prática, é um caminho. Pelos discursos apreendidos, os discentes apontam as inúmeras dificuldades inerentes à formação de maneira que processos de ensino aprendizagem, sob esse cume, possam servir como um elemento de referência na configuração de novas propostas pedagógicas.

Convém ressaltar que também achamos pertinente questionar: Qual a sua opinião sobre a gestão/coordenação do curso? Qual o seu nível de satisfação com a forma de ensinar dos professores? As respostas extraídas revelam tanto representações positivas quanto representações negativas. Ares afirma: Sou muito satisfeita com o curso que fiz na instituição UESPI/CCM, os professores tinham o domínio do conteúdo das disciplinas e metodologia adequada, Afrodite complementa: “*Coordenação do curso é excelente e a forma de ensinar dos professores também*”. Na mesma direção, Hera também reafirma “*os professores são ótimos, mesmo em meio às dificuldades da instituição os Professores são comprometidos e super competentes*”

Há discursos em que assentam uma representação negativa bem como um caráter de denuncia e expectativas de melhoria tanto no ensino bem como em relação a infra estrutura, a seguir:

“O curso e sua matriz curricular ainda tem muito o que se explorar. A relação entre o ensino e a pesquisa ainda é tímida e direcionada apenas a um seletor grupo. Infelizmente, apenas um grupo de professores tem o "ânimo" para proporcionar momentos que se aproximam da realidade da educação básica. Infelizmente, ainda há professores na educação superior "amarrados" no tradicionalismo pedagógico, e isso influi diretamente na formação do futuro pedagogo. No entanto, ainda

avalio o ensino do curso de Pedagogia como BOM. Com pontos a serem revistos no decorrer das discussões” (Entrevistado Zeus)

“Bom, como já citei, o curso ofertado pela UESPI teve um suporte técnico humano de alta qualidade, embora as estruturas materiais em alguns aspectos deixem a desejar. Com relação ao ensino ofertado pelos professores não tivemos problemas tão discrepantes, que não se possa contornar, até porque cada professor tem sua característica peculiar de ministrar seus conteúdos e o aluno de se envolver, ambos são parte da engrenagem no para favorecer o sucesso do curso, no entanto poderiam estarem atentos as demandas dos discentes ate pelo fato da discussão da reformulação do currículo.” (Entrevistada Artemis)

“A gestão /coordenação do curso precisa aliar a teoria da prática.”
(Entrevistada Hera)

De fato, a coordenação pedagógica se constitui em um apoio para o professor, mas o que vai orientar as atividades é um plano construído coletivamente e de forma autônoma pela instituição, vislumbrando atender às necessidades dos alunos em um processo de ensino que visa contemplar a sua formação como um todo.

Fizemos também outro questionamento: Quais pontos positivos e negativos um docente tem ao experimentar a prática pedagógica com alunos portadores de necessidades específicas? Os entrevistados puderam exprimir o que elencam de pontos positivos e negativos no fazer pedagógico com educandos portadores de necessidades específicas, tendo em vista que o psicopedagogo e o pedagogo estão cada vez mais lidando com um público heterogêneo no âmbito da sala de aula:

Entrevistado (a)	Pontos Positivos	Pontos Negativos
Zeus	Avalio como positiva a experiência e o desafio, porém , a intervenção não deve ser realizada sem a orientação de um profissional da área	Infelizmente um número razoável de escolas não contam com o apoio destes profissionais. Nos últimos anos, profissionais da educação têm buscado a formação continuada com o objetivo de preencher esta lacuna presente na educação básica.
Afrodite	Só vejo pontos positivos, pois ao nos deparar com alunos especiais,	Não opinou

	reavaliamos nossa prática e procuramos os métodos e técnicas que possamos atender suas reais necessidades do aluno e com isso aprendemos sempre mais e evoluímos como profissionais e seres humanos.	
Atena	Essa dificuldade alinhada à falta de apoio impulsiona o Professor à busca de conhecimentos específicos para integrar esse aluno da melhor forma possível à sua sala de aula, levando metodologias adequadas ao desenvolvimento cognitivo do aluno com necessidades específicas em questão e outras que possam surgir."	Negativos: o professor se encontra sozinho, sem apoio, sem suporte profissional adequado para incluir esse aluno à educação de qualidade que lhe pertence por direito.
Ares	"Pontos positivos: oportunidade de aprender sobre deficiências e de se desafiar diante dos obstáculos que surgirem. Oportunidade ainda de promover estratégias de ensino inclusiva	Pontos negativos: carência na formação inicial e continuada para lidar com a proposta da inclusão de alunos com deficiência. Dificuldades institucionais com os meios necessários para a inclusão.
Hera	O ponto positivo é a possibilidade de crescer enquanto profissional, vivenciar novas experiências e adquirir novas aprendizagens	O ponto negativo é a falta de manejo e informações adequadas de muitos professores para atender as necessidades específicas de aprendizagem das crianças com necessidades especiais e na maioria das vezes, as escolas não possuem boas condições de trabalho e de atendimento as crianças com necessidades.
Artemis	Não opinou	Pontos negativos, não teriam muitos, a não ser que não conseguissem desenvolver seu papel
Apolo	São muitos, entre eles a possibilidade de uma formação continuada na área, para atuar de forma mais diretiva com este público.	Não opinou
Hermes	Os pontos positivos estão no estudo, pois ele é desafiado a estudar metodologias e práticas voltadas ao aluno com necessidades específicas	O lado negativo é que muitas vezes o professor se vê sozinho nessa busca de conhecimento sem ter o apoio nem mesmo da gestão escolar, na maioria das vezes
Poseidon	Uma aprendizagem	Desafio

Assim, analisando os relatos dispostos na tabela, a preocupação reside na busca de respostas para superar alguns pontos negativos, considerando o nosso objeto de estudo, a maior ênfase na formação em psicopedagogia e percebe-se a procura de práticas e ações embasadas no respeito às diferenças, na incluso, com vistas a uma formação emancipada dos graduandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida no presente artigo traz reflexões no sentido de ampliar o espaço para as discussões em torno da Psicopedagogia e colocar em evidência a contribuição para a construção, definição e reinterpretção dos saberes dos pedagogos em formação, do trabalho coletivo destes e da Universidade enquanto espaço de formação. Dessa forma, concluímos nossas reflexões de que são muitos os desafios, conflitos e tensões presentes envolvendo as categorias estudadas.

Os resultados apontam que a maioria os sujeitos avaliam negativamente a formação acadêmica, pontuando que deveriam ter melhorias na ênfase da Psicopedagogia muito embora reconheçam o esforço docente na em promover um ensino mais inclusivo e significativo. No que se refere a avaliação da contribuição do curso de Pedagogia da UESPI para a constituição profissional do futuro psicopedagogo, na representação dos alunos egressos deixam a desejar quando não procuram investimentos, formação adequada e quando não propiciam uma mudança no sentido do curso ser mais completo em áreas específicas, como a Psicopedagogia.

Em síntese, este estudo procurou especificamente dar conta de um conjunto de fatores que se fazem presentes no discurso dos egressos de Pedagogia da UESPI, e que se situam como reveladores de tantas expectativas que eles tem no que se refere a sua formação. Com efeito, compreender as percepções destes sujeitos foi muito gratificante e enriquecedor.

Além disso, temos que referir algumas dificuldades no que diz respeito à realização do trabalho de campo, o acesso aos entrevistados foi demorado e difícil e o tempo disponível para a sua concretização estava condicionado a uma série de fatores, principalmente por estarmos passando por uma Pandemia de Covid 19.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n.1, de 15 de maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf Acesso em: 20 de julho de 2020.

BOGDAN, Robert., y BIKLEN, Sari. 1994. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. 2009. O desafio da Pesquisa Social. In: Deslandes, Suely Ferreira; Gomes, Romeu; Minayo, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 28. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 9-29.

JODELET, D. 2007. Imbricações entre representações sociais e intervenção. (E. Paredes, trad.). In A. S. P. Moreira; B. V. Camargo. (Orgs.). **Contribuições para a teoria e o método de estudos das representações sociais** (p. 45-73). João Pessoa: Universitária da UFPB

BOSSA NA. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2007.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PARREIRA, Lelis Dias; LIBANEO, José Carlos. Pedagogia como ciência da educação. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 131, p. 511-518, Aug. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Sept. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000200013>.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica.** In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 12.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. (1992). **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas